

UM ESTUDO EXPLORATÓRIO SOBRE A GRAFIA DE FORMAS FONOLÓGICAS REALIZADAS PELO GLIDE [w]

LISSA PACHALSKI¹; ANA RUTH MORESCO MIRANDA²

¹Universidade Federal de Pelotas – pachalskil@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – anaruthmmiranda@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este estudo¹ tem por objetivo mapear erros ortográficos produzidos por crianças em período de aquisição da escrita envolvendo a grafia de formas fonológicas manifestadas foneticamente pelo glide [w], tendo por base as relações que podem se estabelecer entre o conhecimento fonológico infantil e a ortografia.

No sistema fonológico do Português Brasileiro (PB), o // pós-vocálico em posição medial de palavra é uma das formas subjacentes realizadas pelo glide [w]². No sistema ortográfico, é representado unicamente por meio do grafema <l>, como em 'balde' e 'folclore'. No entanto, a sua realização fonética semivocalizada o equipara, na fala, a ditongos decrescentes (por exemplo, 'cauda' *versus* 'calda'), gerando uma leve opacidade na relação fonográfica estabelecida. Diante de duas formas homófonas, como decidir qual grafema utilizar?

Em posição final de palavra, há outros complicadores, além da ambiguidade decorrente da realização fonética similar à do ditongo decrescente em nomes ('mal' *versus* 'mau'): a possibilidade de uso não só do grafema <l>, mas também de <u>, como em 'funil' e 'chapéu', e a concorrência com a forma dos verbos de terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo, realizados também com o glide [w]³ e grafados, no caso da desinência -u, com o grafema <u>, como em 'chegou'.

Estudos de aquisição fonológica, como o de Hernandorena (1990), sustentam que as crianças não adquirem a lateral pós-vocálica como estrutura VC; antes, interpretam formas como 'fralda' da mesma maneira como interpretam os ditongos decrescentes, ou seja, todos como estruturas VV⁴. A autora argumenta nesse sentido em virtude da realização fonética semivocalizada e, principalmente, pela precocidade observada na aquisição dessa estrutura (supostamente VC) em se comparando às demais consoantes da classe das líquidas nas diferentes posições que podem ocupar na estrutura silábica.

No âmbito da fonologia adulta, no entanto, Bisol (2013) argumenta, com base na Fonologia Lexical, em favor da forma subjacente como sendo de fato uma consoante lateral em coda silábica, apesar da sua realização fonética como [w]. No que se refere à representação em coda final, tal análise é aceita sem grande controvérsia, tendo como argumento principal a produtividade de formas derivadas desse tipo de estrutura, como 'funil' – 'funilaria', 'sol' – 'solaço', 'papel' – 'papelão'.

¹ Esta pesquisa conta com o apoio da CAPES, por meio da concessão de bolsa de pós-graduação, e do CNPq, que ampara as atividades do Grupo de Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita (GEALE), grupo de pesquisa ao qual o trabalho está vinculado.

² Conferir Callou, Moraes e Leite (2013) para o mapeamento sociolinguístico da realização da lateral pós-vocálica no Brasil.

³ Em verbos de 1ª conjugação, formados pela vogal temática -a, é muito frequente na fala brasileira o fenômeno de monotongação, que leva à supressão do glide.

⁴ Convém lembrar que Bisol (2013) interpreta os ditongos como estruturas VC, estando o glide ligado à coda. Segundo o que sustenta Hernandorena (1990), os ditongos são interpretados pelas crianças como núcleo.

Neste trabalho, assume-se, em consonância com Hernandorena (1990), que as crianças não interpretam a lateral como coda; antes, têm como representação o ditongo que está ligado ao núcleo ramificado. No entanto, por se trabalhar com um modelo que assume a escrita como atualização da língua e a aquisição da escrita como parte integrante do processo mais amplo de aquisição da linguagem (MIRANDA, 2017), defende-se que, no decorrer da aquisição da escrita, mudanças representacionais podem acontecer no sistema fonológico infantil, alterando, no caso considerado, estruturas interpretadas como VV para o formato VC. Os erros ortográficos analisados são tomados como dados capazes de revelar tais processos.

2. METODOLOGIA

Os erros ortográficos analisados foram extraídos de 2024 textos espontâneos que integram o primeiro estrato do Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita (BATALE)⁵. Os textos foram coletados entre 2001 e 2004 e foram produzidos por alunos de 1ª a 4ª série de uma escola pública e de uma escola particular da cidade de Pelotas/RS.

Nesta etapa da pesquisa, foram computados apenas os erros, sem considerar os acertos, o que totalizou um conjunto total de 1097 dados. Foram consideradas todas as grafias para // e /u/ em posição medial e final de palavra, que são realizadas na fala como [w], incluindo formas verbais e nominais.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 1 apresenta uma síntese do levantamento feito relativo à grafia das formas // e /u/ realizadas foneticamente como [w]:

Tabela 1 – Resultado do levantamento de erros envolvendo a grafia de // e /u/, por posição na palavra

	posição medial	posição final	total	estratégias preferenciais	exemplos	
//	331 (88%)	–	80 (11,1%)	411 (37,5%)	<l> → <u>	'auguém' – 'alguém'; 'temporau' – 'temporal'
/u/	45 (12%)	nomes	27 (3,7%)	686 (62,5%)	<u> → <l>	'flalta' – 'flauta'; 'binrimbal' – 'berimbau'; 'sentio' – 'sentiu'
		verbos	614 (85,2%)		<u> → <o>; <u> → ∅	
total	376 (100%)	721 (100%)	1097 (100%)	-	-	

Os resultados apresentados na Tabela 1 evidenciam que há uma tendência nos dados analisados de os erros se concentrarem na grafia de /u/, com um total de 62,5%, em relação às grafias incorretas de //, que contam com 37,5% de ocorrências. Faz-se necessário, nesse sentido, verificar o número de acertos obtidos para a grafia de cada forma fonológica, a fim de que se possa comparar os valores proporcionalmente. O estudo de Mattos (2017), referente à grafia da desinência verbal –u e que teve como base textos do terceiro estrato do BATALE, computou erros e acertos e mostrou que apenas 9% das grafias apresentam erros

⁵ Miranda (2001).

no registro do morfema, grafado pelas crianças como <l>, <o> ou ø. É bastante provável, também, que a grande incidência de erros em /u/ na amostra estudada se deva à produtividade das formas verbais nos textos infantis (e no léxico da língua, de modo geral), as quais se tornam inescapáveis no momento de produção textual, uma vez que cumprem a exigências da estruturação sintática dos textos. O tipo textual narrativo também pode colaborar nesse sentido, já que implica no uso de verbos flexionados na terceira pessoa do singular do pretérito perfeito do modo indicativo.

Essa mesma produtividade parece ser uma das causas da discrepância observada nos dados de // e de /u/ no que se refere à posição final. A Tabela 1 mostra que a maior parte dos erros concentra-se na posição final, com 721 ocorrências, e sobretudo na grafia de /u/ em verbos, fenômeno que representa 85% desse total.

Dentre as estratégias utilizadas pelas crianças, predominam, para a grafia de //, o uso de <u>, como em 'temporau' para 'temporal'. No caso da grafia de /u/, há maior variabilidade na tipologia de erros, com destaque para a supergeneralização de regras ortográficas, observada tanto na passagem <u> para <l> quanto em <u> para <o>, e para a monotongação dos verbos, como em 'viro' para 'virou'.

A supergeneralização é um fenômeno esperado à medida que as crianças avançam no processo de escolarização, uma vez que envolve a aprendizagem de regras ortográficas, as quais são apresentadas de modo mais sistemático nos anos finais do primeiro ciclo do ensino fundamental. No caso em análise, os alunos parecem estar operando com duas regras em especial: uma de natureza arbitrária, que regula o uso eventual de <l> em posição final de sílaba, e outra de natureza contextual, que regula o uso de <o> em final de palavra para a representação da vogal átona final /o/, realizada na fala como [u].

A monotongação verbal também é um fenômeno esperado tendo em vista que ocorre de forma quase categórica na fala brasileira. No entanto, poderia se esperar que, por esse motivo, essa fosse a principal estratégia utilizada pelas crianças para grafar os verbos com a desinência -u. O que se observa, pelo contrário, é uma forte concorrência com a supergeneralização (e com outras estratégias aqui não mencionadas, que sempre envolvem a troca de <u> por algum outro grafema), demonstrando que as crianças, ao adquirirem a escrita, não necessariamente reproduzem marcas fonéticas. Antes, lidam predominantemente com informações tanto de ordem ortográfica propriamente dita, quanto de ordem fonológica.

O fenômeno de supergeneralização pode demonstrar, nessa perspectiva, a entrada e o ajuste da informação gráfica capaz de motivar uma redefinição no sistema fonológico infantil, alinhando-o à gramática adulta. A busca por corrigir formas realizadas como ditongos decrescentes e que correspondem a sequências VV na fonologia infantil, por meio dos grafema <l> e <o>, pode engatilhar um processo de mudança representacional dessas estruturas, tornando plausíveis proposições como as de Bisol (2013), no que se refere ao estatuto de tais formas subjacentes.

4. CONCLUSÕES

Este estudo, ainda de caráter exploratório, se insere em uma linha de investigação desenvolvida no GEALE que interpreta os erros ortográficos como dados que podem alimentar a reflexão sobre a fonologia da criança e, conseqüentemente, sobre o sistema linguístico.

Esta primeira incursão sobre os dados referentes aos erros na grafia do [w] de ditongos derivados do // e do /u/ pós-vocálicos aponta para uma distribuição de erros que se concentram nos registros da desinência número pessoal da terceira pessoa do singular em formas verbais flexionadas no pretérito perfeito. As estratégias utilizadas pelas crianças assemelham-se aquelas já descritas por Mattos (2017) em análise relativa ao estrato 3 do BATALE e cujos resultados mostram que o índice de erros no registro da desinência não chega a 10%. Os dados do estrato 1, analisados neste estudo, por serem referentes apenas aos erros, não mostram qual é a real incidência do fenômeno analisado.

A continuidade da exploração destas grafias pode, a partir da computação de erros e acertos, junto de uma análise mais minuciosa das estratégias utilizadas pelas crianças, redimensionar os resultados apresentados neste estudo, a fim de que se possa discutir em detalhes o efeito das informações fonológica, morfológica e ortográfica nas escritas iniciais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BISOL, L. A sílaba e seus constituintes. In: CASTILHO, A. T.; ABAURRE, M. B. M. (orgs.). **A construção fonológica da palavra**: gramática do português culto falado no Brasil. Vol. 7. São Paulo: Contexto, 2013. p. 167-194.
- CALLOU, D.; MORAES, J. A.; LEITE, Y. Consoantes em coda silábica: /s, r, l/. In: CASTILHO, A. T.; ABAURRE, M. B. M. (orgs.). **A construção fonológica da palavra**: gramática do português culto falado no Brasil. Vol. 7. São Paulo: Contexto, 2013. p. 167-194.
- HERNANDORENA, C. L. B. M. **Aquisição da fonologia do português**: estabelecimento de padrões com base em traços distintivos. 1990. Tese (Doutorado em Linguística). Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1990.
- MATTOS, M. M de. A variação da grafia do glide [w] em formas verbais flexionadas produzidas por alunos dos anos iniciais. In: MIRANDA, A. R. M. Aquisição da escrita: as pesquisas do GEALE. In: MIRANDA, A. R. M.; CUNHA, A. P. N.; DONICHT, G. (orgs.). **Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita**. Pelotas: Editora UFPel, 2017. p. 137-160.
- MIRANDA, A. R. M. **BATALE**: Banco de Textos de Aquisição da Linguagem Escrita. Pelotas: Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2001. Disponível em: <<https://sistemavestigios.org>>.
- MIRANDA, A. R. M. Aquisição da escrita: as pesquisas do GEALE. In: MIRANDA, A. R. M.; CUNHA, A. P. N.; DONICHT, G. (orgs.). **Estudos sobre Aquisição da Linguagem Escrita**. Pelotas: Editora UFPel, 2017. p. 15-50.